



FRACASSO ESCOLAR NA PRÁTICA DO LETRAMENTO DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS E FINAIS: REFLEXOS DA FORMAÇÃO DOCENTE?

LIRA, Dione Oliveira de Souza.

Universidade Federal da Paraíba, adrianoedione69@gmail.com; adrianoedione@hotmail.com

Orientadora: FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira.

Professora do Centro de Educação/DHP/Universidade Federal da Paraíba; marlenecel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o fracasso escolar na prática do letramento como uma discussão da realidade nas universidades, bem como, fruto de uma má formação no ensino básico. Mostra-se como um desafio aos cursos da área de educação que precisam responder a essa problemática. Nessa perspectiva, lançamos as seguintes questões: até que ponto a formação dos professores da atualidade é capaz de corrigir essa problemática? A qualidade de leitura de alunos universitários é suficiente para uma interpretação fiel ao texto? Se não, aonde foi o erro? Na leitura ou na dificuldade que o aluno tem decodificação? A formação dos professores da atualidade é suficiente para a correção dessa problemática? Essas questões nortearão a problemática apresentada numa tentativa de justificarmos as razões pelas quais as escolas brasileiras enfrentam essa dificuldade.

É visível que a leitura e interpretação têm sido deixadas de lado pelos alunos, por falta de projetos e métodos que gerem estímulos aos próprios para o desenvolvimento intelectual. Como se não bastasse, os próprios professores também apresentam inúmeras dificuldades de interpretação. A partir da problemática levantada através dos questionários respondidos, buscou-se refletir acerca do problema de interpretação e decodificação encontradas nas escolas investigadas e que acabam por refletir no ensino superior.

Segundo Soares (2003) letramento é mais que alfabetizar; é envolver-se no processo de escrita e leitura, é a entrada da pessoa no mundo da escrita; é a adaptação adequada ao hábito de ler e escrever “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura” e a má decodificação escolar faz parte do mal crônico do nosso país.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na realidade quando se fala de letramento nas escolas brasileiras, está se buscando investigar as problemáticas existentes na formação docente e as dificuldades que os alunos apresentam na interpretação e decodificação daquilo que leem. Para tanto, fazemos algumas indagações: até que ponto a formação dos professores da atualidade é capaz de corrigir essa problemática? A qualidade de leitura de alunos universitários é suficiente para uma interpretação fiel ao texto? A formação dos professores da atualidade é suficiente para a correção dessa problemática? Essas questões nortearão a problemática apresentada numa tentativa de justificarmos as razões pelas quais as escolas brasileiras tem essa dificuldade.

A necessidade urgente de estudar esse tema partiu das próprias dificuldades da pesquisadora na compreensão de um texto lido, bem como pela participação na formação de educadores do Programa Escola Zé Peão, ocasião em que foi utilizado um texto de Magda Soares que trazia essa discussão muito pertinente da realidade da maioria dos estudantes brasileiros. Então, a partir daí, surgiu o desejo de pesquisar sobre a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de tal modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras.

As vantagens que essa pesquisa proporcionou foram extremamente relevantes para a formação de novos educadores, responsáveis pela formação de alunos que leem e decodificam o que leem, e não leigos leitores, tornando-se assim pessoas mais envolvidas com a leitura e a cultura do país com uma interpretação precisa, decodificando o que leem.

Pretende-se que este estudo possa auxiliar os pesquisadores a repensar essa problemática, apontando para a necessidade de uma reformulação no currículo das séries iniciais, a qual ainda que urgente, encontra-se esquecida pelas autoridades na área.

METODOLOGIA

O trabalho resultou de uma pesquisa de campo, de cunho exploratório e bibliográfico. Para a pesquisa de campo, utilizou-se de um questionário o qual foi aplicado aos professores. Também aplicou-se um questionário aos alunos, tanto das séries iniciais quanto das séries finais, com o intuito de avaliar se havia diferença entre as séries iniciais e finais no que tange ao nível de leitura e interpretação de textos.

Participaram do universo desta pesquisa cinco professores das séries iniciais da Escola Municipal Índio Piragibe no bairro de Mangabeira VII, João Pessoa-PB, juntamente com seus respectivos alunos do primeiro ao quinto ano da mesma escola. A mesma amostra foi utilizada

em relação às séries finais da Escola Estadual Lima Lobo localizada também, em Mangabeira VII sendo que de oito



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professores, apenas 4 professores responderam. Em relação aos alunos, selecionou-se uma amostra de quinze alunos para cada série do ensino médio, para responder o questionário. O critério para a escolha das Escolas foi por proximidade da residência da pesquisadora.

Os questionários tanto para os professores das séries iniciais quanto finais continham as mesmas perguntas semiestruturadas, no total de 18. Essa pesquisa foi realizada considerando e respeitando a Resolução 466/12, conforme preconiza o Conselho Nacional de Saúde.

Para esse trabalho foi entregue aos professores da Escola Municipal o questionário para ser respondido no mesmo dia, todos no turno da manhã, mas todos colocaram objeção pela quantidade de atividades diárias, ficando então para serem entregues no dia posterior. Mas, a assinatura do TCLE ocorreu no mesmo dia da entrega do questionário. Minha visão em relação à escola é de que trata-se de uma escola bem organizada e aparentemente estruturada em comparação a outras. Para a conclusão da pesquisa de campo, a pesquisadora realizou 8 visitas a escola. Já em relação aos alunos da mesma escola todos os questionários foram respondidos no mesmo dia em que foram entregues.

Já na Escola Estadual encontramos uma realidade, bem diferente. Na nossa visão, trata-se de uma escola bem precária e os alunos demonstraram possuir uma frágil condição financeira. Em relação aos professores, não encontrei objeção alguma. Todos os questionários tanto de professores quanto de alunos foram respondidos no mesmo dia. Mas ainda assim, a pesquisadora visitou essa escola três vezes, contando das visitas até a autorização da pesquisa. Toda pesquisa foi realizada no turno da manhã.

DISCUSSÕES

Nos questionários respondidos foi possível observar que, os professores principalmente de ensino médio, tem dificuldades de interpretação textual e de responder as questões fora do contexto da pesquisa, tais como: Qual o tipo de ensino que esses professores deixarão para esses alunos? Como entender e compreender textos se os próprios têm dificuldades? É interessante registrar que durante a coleta de dados, uma das professoras que respondeu e que se considera uma professora diferenciada, leu todas as questões, corrigindo a tarefa de casa, e apenas 3 crianças de um universo de 25 alunos responderam as atividades. As demais crianças não participaram da leitura até porque são muitas atividades para o professor cumprir diariamente, e não dá tempo de esperar os alunos desenvolverem a leitura. Esse é um

dos desafios apresentados por boa parte dos professores, outros são: cansaço, desgaste físico, mental e professores



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com problema na voz. E conseqüentemente nossas crianças sem saber ler e muito menos interpretar.

O relacionamento dos professores das séries iniciais é muito mais afetivo do que em relação às séries finais, ressaltando a figura da “tia” que dialoga com eles, como se existisse de fato algum um grau de parentesco, de afetividade. Já com os professores do ensino médio podemos observar que a relação de afetividade não aparece de modo explícito em suas respostas, nos dando a concluir que só é o profissional do tipo “eu ensino e você aprende” a problemática é, e se não aprender? Ora, o desafio do processo ensino aprendizagem é muito maior do que uma simples relação afetiva construída entre alunos e professores. Passa antes de tudo pelo respeito, pelo compromisso e competência docente. Por fim, a vontade de transformar a realidade em que se encontra a educação brasileira.

Nesse sentido, considerar no processo de aprendizagem, a realidade do aluno, usando-a como objetos do seu dia a dia é fundamental, além de didático, pois, tornará a aprendizagem mais significativa. Analisando a postura dos professores das séries iniciais podemos observar essa preocupação didática apesar de sabermos que para a criança é bem mais difícil à compreensão, pois, as mesmas não tem muita consciência acerca da importância da leitura e da interpretação correta de um texto.

Nossa preocupação é maior em relação aos professores do ensino médio, porque as exigências de aprendizagem são maiores. Como podemos observar a resposta da professora PIEM foi afirmativa, quando foi questionada sobre se basta uma leitura pausada e clara para que os alunos compreendam o que está sendo lido. Quando na verdade sabemos que outros elementos precisam ser considerados. Já a professora do ensino médio (P2EM), questionou sobre qual é mesmo o cotidiano desses alunos? E ainda qual a garantia se tem de que seu cotidiano tem sido considerado nas discussões em sala de aula? Quanto a essa questão, nos chama atenção à resposta da P5 do ensino fundamental (EF) que diz trazer os assuntos para a realidade dos alunos, no momento em que chama os pais para comparecerem a escola. Evidentemente, que o simples fato dos pais comparecerem a escola não significa que a realidade em que os alunos estão inseridos seja levada em conta pelos professores no momento em que conduzem as discussões em sala.

Quando buscou-se saber qual era a opinião dos professores acerca da leitura de seus alunos, a maioria das respostas foi de que é bem precária. Ficamos a indagar que se tivesse no questionário a opção 0 (zero), certamente seria essa alternativa a ser marcada em maior número. Assim, a alternativa com um maior percentual de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escolha, assinalada pelos professores que lecionam do 2º ao 5º ano, foi de que seus alunos leem pouco.

Ao serem questionados sobre quantas estrelas (representava uma espécie de nota) eles atribuíam aos seus alunos em relação à leitura, 01 (um) professor do ensino médio afirmou que atribuíam 3 estrelas. Por outro lado, dos 3 professores que deram aos seus alunos 1 estrela em relação ao nível de leitura da turma, 2 desses professores são do ensino médio. Essa informação apenas comprova a realidade apresentada nesse trabalho, de que no ensino médio se evidencia muito mais a dificuldade que já existia nesses alunos com relação a suas dificuldades de leitura e interpretação.

CONCLUSÃO

Ao concluir este estudo, constatou-se de que ao utilizarmos o mesmo questionário para as séries iniciais em confronto com as séries finais, obtivemos como resposta que não há uma preocupação por parte dos professores investigados acerca da importância da leitura e da interpretação. O que nos leva a questionar até que ponto o modelo de formação que temos é suficiente para resolver essa problemática?

Estamos convencidos de que além da necessidade de reformulação, precisamos refletir sobre a formação docente, se quisermos de fato promover alguma mudança na educação que está sendo ofertada para esses alunos, sobretudo no que se refere à leitura e escrita. Com a aplicação de questões fechadas e abertas notamos o triste impasse do fracasso que inicia-se nas séries iniciais e desemboca nas séries finais, tornando-se uma realidade gritante que requer uma solução urgente na formação do currículo da área pedagógica. Nosso preparo no ensino superior não tem sido suficiente para responder os desafios da prática docente e o decorrente fracasso escolar.

Concluimos que a leitura e interpretação têm sido deixadas de lado pelos alunos, por falta de projetos e métodos que gerem estímulos aos próprios para o desenvolvimento intelectual. A grande problemática é que os próprios professores têm suas dificuldades de interpretação. A partir da problemática levantada através dos questionários respondidos, propomos uma mudança no currículo do ensino superior, para a transformação de uma educação que clama por mudanças, somada a um maior investimento na formação de professores e a introdução de práticas pedagógicas inovadoras que fortaleça e favoreça o processo ensino aprendizagem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CASTRO, Luciana. **O Fenômeno do Fracasso Escolar e a aquisição do sistema de Escrita:** Que relação é essa? Revista Práticas de Linguagem. V 1. N 2. P. 69 -77. Jul/dez. 2011.

CHAUÍ, M. **Reforma do Ensino Superior e autonomia universitária.** Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo: Cortez, n. 61, p. 118-126, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A oralidade e letramento.** In: _____ Da fala para a escrita: atividade de retextualização. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 1, p. 15-43.

OJA, Aline Juliana. **A Infância na Escola:** Aprendizagem da Leitura e Escrita como determinante do Desempenho Escolar. Periódico Dossiê Temático Infância e Escolarização. Dez. 2011.

SANTOS, Juliana Suelen Alves dos. PIRE, Maria da Conceição. **Alfabetização e Letramento:** Reflexão sobre a Aprendizagem da Leitura e da Escrita.

SOARES, Magda Becker. **O que é Letramento?** Diário na Escola, Santo André, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. acesso em: 30 mar. 2016.

SOARES, Magda. **“Alfabetização e letramento”.** Caderno do Professor. Belo Horizonte, SEE/ MG Centro de Referência do Professor. 2004, n. 12, pp. 6-11.

_____. **Nada é mais gratificante do que alfabetizar.** Entrevista concedida ao jornal Letra A: o jornal do alfabetizador. Belo Horizonte, ano 1, n. 1, abr./mai., 2005.

_____. **A reinvenção da alfabetização.** Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, p. 16, jul./ago. 2003.